

**Luiz Sérgio Duarte da Silva**

**Filosofia da História e Teoria da Fronteira  
no Ensaio Americano: interculturalidade  
e integração. Primeiras notas de uma pesquisa  
em andamento**

**I**

Há uma filosofia da história – crítica e especulativa – no ensaio latino-americano do século vinte. O gênero misto é importante como registro de esforços de produção de discursos identitários e orientadores, como marco do pensamento histórico no Novo Mundo e como experimento interpretativo inovador. Sobretudo, nele foi produzida uma teoria da fronteira de caráter historicista necessária ao projeto de atualização que coordena o trabalho intelectual das elites letradas do extremo-Occidente. Interessados em comunicação intercultural podem muito aprender com essa forma do humanismo.

Ensaístas como Alfonso Reyes, Octavio Paz, Jorge Luis Borges, Fernando Ortiz, Alejo Carpentier, Lezama Lima, Cabrera Infante, García Márquez, German Arciniegas, Severo Sarduy, Edouard Glissant, Guimarães Rosa, Buarque de Holanda, Gilberto Freyre e José María Arguedas não são relativistas. Suas obras são marcadas por uma reflexão sobre o Ocidente e pela busca da especificidade da experiência americana. Tal interesse se combina com um conceito de humanidade fixado no processo de modernização europeu. A acentuação da dimensão estética das interpretações históricas e a crítica da linearidade das representações do tempo são mais um tipo da cultura histórica ocidental do que um “outro” que teria desenvolvido-se contra ela.

A crítica da concepção ocidental do tempo (Paz, Borges, García Márquez) e da filosofia da história hegeliana (Arciniegas, Carpentier), a análise da socialização e das possibilidades de civilização nas situações de fronteira (Freyre, Holanda, Ortiz, Glissant, Sarduy, Cabrera Infante, Guimarães Rosa, Arguedas) são provas de que o pensamento histórico latino-americano desenvolveu-se a partir da influência e em disputa com a Europa. Os ensaístas produziram a história cultural do subcontinente. Queriam compreender o processo de desenvolvimento cultural. Seu material era a literatura e a cultura popular. Através de

construções intuitivas, corporais e ecológicas do passado procuraram compensar a escassez de fontes.

Os ensaístas escreveram a partir da fronteira da cultura ocidental. Eles falam de um humanismo trágico (tensão entre liberdade e necessidade), querem abrir-se para a cultura oral, explorar as funções da ficção e, tardo-romanticamente, produzir uma expressão americana. Porém os ensaios são, ao mesmo tempo, produtos de pesquisa racional e reconstrução realista. A explicação pelos motivos, a produção de tipologias, o uso de conceitos e o cruzamento de fontes são recursos recorrentes. Os ensaios foram produzidos por modernistas, sobre processos de modernização e lançando mão de procedimentos modernos.

## II

Emprego o método da colagem benjaminiana. Hermenêutica radical das sobreposições e citações intercaladas por comentários sintéticos. Meu objetivo é explorar (em vários sentidos) a literatura (o seu gênero liminar, o ensaio) e a crítica literária. Colocá-las a serviço da filosofia da história. Localizar materiais, conceitos e procedimentos para as ciências da cultura. História como interrogação do passado, do tipo de conhecimento que torna essa interrogação possível, assim como da perspectiva (expressa em escritura) do historiador, aquele que encaminha tal interrogação. Trata-se de mover-se em um labirinto. Quero localizar materiais, conceitos e procedimentos para as ciências da cultura. Sobretudo, procuro fazer teoria da história.

Para Carpentier, o passado é território de ação do farsante, o armador de ilusões. O historiador é como Colombo diante das cortes incrédulas: realiza pantomimas e mascaradas para convencer e para tanto precisa produzir seu “retábulo de maravilhas”. García Márquez enfatiza a solidão do trabalho interpretativo. Interpretar é insistir em ter uma vida própria. A condição para tal é a solidariedade: só em um ambiente orientado por disposição esclarecedora e universalista pode haver espaço para reconhecimento. Só gente disposta a repensar suas próprias concepções pode legitimar diferentes formas de leitura do mundo. Para Octavio Paz o labirinto é condição humana. Saber-se só e procurar o outro é o que marca o homem. A história, a invenção humana diante da natureza, é o resultado desse esforço. Os ensaístas latino-americanos são críticos da linearidade. Seu trabalho de construção do passado se fez contra os pressupostos da história universal. Positivismo e eurocentrismo eram combatidos na história oficial. Mobilizou-se a poética capaz de apreender a dimensão real-maravilhosa (desmedida, anacrônica, fragmentada, híbrida). É uma história feita a partir da fronteira: à contrapelo, com ironia, paródia, intertex-

tualidade e irreverência. Aqueles que mais avançaram na construção desse modelo de leitura do passado americano são Carpentier (a dobra americana), Borges (história e eternidade), Paz (corpo e mente no Ocidente), Sarduy (história travestida), Cabrera Infante (multiplicidade e multidimensionalidade da experiência), Lezama Lima (a sabedoria do olhar) e Glissant (história como formação).

O sucesso mundial do romancista García Márquez realizou um programa para a inteligência americana montado nos anos de 1920 por Alfonso Reyes. A questão não era a do tratamento de temas latino-americanos mas da maneira de lidar com a herança européia. Ver a história a partir de baixo (como em Unamuno), a partir de uma posição de classe (os subalternos), étnica (os escravos, os indígenas), geopoliticamente orientada (o sul, a fronteira) ou estrábica (feminista). Esse programa possui relevância para a teoria da história. Bom exemplo é Borges.

O que é mudança temporal para alguém que queria reorientar o interesse pela história e que tinha escrito sempre sobre a eternidade e os protótipos? Segundo Barilli, para Borges fazer história era em primeiro lugar a atenção às mudanças específicas que cunham as formas da experiência. Registrar a existência, o momento fatal, a mudança dos gostos e das metáforas decisivas. A história é a elaboração mítica de uma tradição, a tentativa de organizar um universo caótico, a vida como sonho perpétuo. É essa rejeição da história oficial que pode ajudar a localizar a diferença: a) interesse por enigmas, b) por sentidos únicos, c) reconstrução do assombro e surpresa do novo, d) da aceitação do impensável, e) o estudo das nuvens de sentido que separam o presente e o passado, f) história é síntese de uma idéia ou imagem.

Outro exemplo é o influente ensaio espanhol. Julian Marias localizou em Gilberto Freyre a especificidade da experiência ibérica do tempo. Trata-se de uma interpretação pessoal do tempo que institui uma diferença diante da instrumentalização puritana. Tempo não é dinheiro, é vida. Essa leitura encontra paralelo também em Marichal e a interpretação da idéia de névoa em Unamuno. Névoa é a metáfora de uma compreensão universalista. Sociabilidade como comunidade de indivíduos: o processo de individualização é a única forma de criar verdadeira integração. Só no ambiente onde exista gente que expresse seus problemas e receios íntimos pode-se constituir humanidade. Trata-se de uma teoria do espaço público e da clínica do social por meio da literatura e da escrita da história. Abellán e Goytisolo caracterizam o pensamento ibérico como marcado pela experiência da descontinuidade (a ruptura com as heranças islâmica e hebraica da Idade Média, a Contra Reforma, a Restauração, o fracasso colonial, a Guerra Civil e a Ditadura) e pelo contato com a América.

### III

Essa pesquisa sobre filosofia da história no ensaio americano questiona os fundamentos teóricos, conceitos, estratégias de representação e os interesses didáticos que constituem esses textos. A intenção é incorporar o melhor do pensamento americano à tradição das ciências da cultura. A hipótese principal é a de que essa filosofia da história documenta uma experiência de interculturalidade e constitui-se como experimento de integração cultural. O humanismo dos ensaístas é resultado e fundamento de esforços de comunicação cultural. A partir da fronteira da cultura ocidental os ensaístas latino-americanos produziram uma concepção da conexão entre experiência do tempo e criação de sentido. Com isso conceberam uma interpretação histórica da experiência latino-americana, segundo modelos do pensamento histórico modernizado.

Desde o descobrimento no final do século xv o continente americano foi tratado pelos europeus como o lugar do exótico. Uma percepção instrumental do espaço promoveu a exploração material e o tratamento desumano dos indígenas e escravos para cá transferidos. Os ensaístas queriam chamar a atenção para um outro padrão de relação com a paisagem por meio do tratamento de emoções, memórias e expectativas. Através da valorização da sensibilidade e imaginação registrada na cultura popular e reconstituída na literatura, buscavam resgatar visões de mundo e sistemas simbólicos soterrados. O cerne do programa para a inteligência americana fixado por Reyes é uma combinação de atividade criativa e perspectiva crítica.

A possibilidade de uma síntese da cultura americana seria o resultado do aproveitamento das experiências do passado dos povos americanos e do privilégio da situação de culturas novas que não são limitadas por escolhas já feitas há muito. Os ensaios distinguem-se por um procedimento estético: atenção ao específico (o indivíduo é o lugar da percepção), ao pormenor (onde o sentido realiza-se), ao sentimento (produto da interação), à representação (simbolismo como história cultural), à reflexão (união no pensamento de supressão e conservação). A análise paradigmática do ensaio deve manter a principal qualidade dele, ou seja, a capacidade de relacionar diversos níveis de realidade.

O Novo Mundo é um produto da globalização. O ensaio latino-americano desenvolveu uma versão inclusiva da história universal que tem três variantes. A primeira ancora-se em conceitos como formação, conflito, mudança qualitativa, dialética (Alejo Carpentier, Sérgio Buarque de Holanda, Guimarães Rosa, Edouard Glissant, Carlos Fuentes). A segunda é instruída por conceitos como impensabilidade, alteridade, troca e por paradoxos do tempo como a convivência de fixidez e movimento (Octavio Paz, José Lezama Lima, Alfonso Reyes). Um terceiro grupo dedica-se à exposição de uma lista relativista de tempos: simultaneidade, interdependência e supressão que instituem todos

contraditórios (Jorge Luis Borges, Cabrera Infante, Severo Sarduy). Elaboram três tipos de conceitos de fronteira: ir e vir dos limites, agora como umbral e lugar da descoberta. Concordam na crítica da linearidade, falam do tempo do mito: o passado como contiguidade, como ferida da alma ou como dádiva da memória.

Os ensaístas produziram o pensamento histórico da América Latina: os ensaios são os textos mais influentes na constituição da sua consciência histórica, constituem-se em meta-narrativas. Eles combinam domínio da experiência da contingência e atualização do passado. O continente americano (trata-se de incorporar também os estados sulistas e a literatura ex-cêntrica de Faulkner assim como o Caribe inglês e a sua literatura de nômades pós-coloniais) é a fronteira do mundo ocidental. No espaço de influência ibérica ganha novo sentido a experiência da Reconquista e a cultura do Fim do Mundo (o limite atlântico). A fronteira é o extremo entendido como ermo geográfico, desconhecido simbólico ou prova existencial. A tese dos ensaístas é a de que na América um novo tipo de pensamento desenvolveu-se. Tal pensamento já foi caracterizado como labiríntico: narrativas em rede, hipertexto submetido ao método da incerteza, mais abdução do que dedução ou indução, conhecimento como remendo.

Essa maneira de pensar foi denominada de desdobramento extremo ocidental. O realismo fantástico, a literatura neo-barroca, a arquitetura colonial e a arte popular americana são exemplos dessa estética da superposição e da compressão. Linguagem cifrada e deformação expressam tentativas de reconhecimento mútuo e de celebração cultural. A história não é esclarecimento ou elucidação, é o resultado da simbiose de vários continentes e culturas. A América, terra de conflito e encontro, continente-fronteira é a terra da alegoria, o lugar da resistência ao literal. Ambiente ideal para o barroco, a América é desdobramento do Ocidente: compressão, deformação e sobreposição. O barroco é produto de uma época na qual imaginar é linha de fuga para um pensamento que perdeu suas certezas e investiu nos experimentos de mistura. O lugar da mistura é a fronteira.

Fronteiras são construções: processos social e historicamente produzidos, ou seja, simbolicamente produzidos. Devem ser lidas mais como abertura e atualidade do que como dado ou acabamento. São locais de mutação e subversão porque regidos por relatividade, multiplicidade, reciprocidade e reversibilidade. A fronteira é o reino da relação a qual Bachelard se refere. Fronteiras são sítios da exacerbação e do excesso onde limites são ultrapassados, novas dimensões descobertas e re-ordenamentos encaminhados. Por isso, são espaços de ruptura e conflito: ambientes de extremidade, crista e culminação. Elaboram originalidade pela via da multiplicação da experiência. Realizam modificações espirituais que as aproximações sucessivas possibilitam. Produzem

diferença. Fronteiras são exterioridades: resultados expressivos, figuras, formas, imagens, tipos. Elementos que permitem a teoria, a facilidade da relação: mais que identidade, coexistência, mais que sucessão, correspondência. Objetos de pensamento acessíveis pelo contorno. Trata-se do recorte que instala o limiar pela consistência interna dos componentes e que registra a escolha pela regionalização, marca da vizinhança e sinal de consistência externa. Fronteiras são lugares de deslizamento. Alianças, bifurcações e substituições que preparam o reconhecimento e a necessidade de limites. A fronteira é a vitória da contingência. Arranca a história da necessidade, estabelece o devir (o tornar-se). A fronteira é zona cinzenta: onde os contornos são mal definidos, a separação e a ligação de campos opostos realizam-se sem vergonha.

#### IV

O problema de fundo sempre foi o mesmo: o dilema-Hegel localizado por Arciniegas, Carpentier, Lezama Lima, Borges e Fuentes da história da América. Os americanos vivem como crianças, se limitam a existir. O que acontece na América tem origem na Europa. A mestiçagem reduz a América a reflexo. Um reflexo tocado pela natureza, sem passado sedimentado, sem continuidade e atualidade. Ruína para si e em si.

O pensamento histórico dos ensaístas que discute este dilema é manancial de idéias que podem alimentar a discussão sobre política da história (as críticas à história oficial), sobre cultura histórica (o projeto modernista de pesquisa e releitura das raízes culturais da América e sua relação com a cultura popular, a indústria cultural e o Estado), sobre consciência histórica (a reconstrução dos significados e sentidos que as concepções de mudança temporal produziram como vetores de orientação e identificação em vários momentos e vertentes) e sobre experiência histórica (a presença do passado: conceitos de memória).

Poetas e historiadores possuem em comum em primeiro lugar, o saber das figuras, formas e tipos, em segundo lugar os intentos de recuperação e expressão da experiência. O ensaio é registro de projetos de identidade e orientação produzidos na América Latina. A referência historicista é o que lhes dá um ar de família. Aquilo que Borges denominou de “minucioso amor pelas coisas” (tudo é história), a consciência do mundo (universalismo de comunicação intercultural), a pesquisa sobre o “abismal problema do tempo” (variações sobre as infinitas séries de tempos), o interesse pela singularidade (a valorização das margens e fronteiras) e pelo presente (vanguardismo), o humanismo (todas as experiências humanas são análogas) e a história dos intentos de compreensão, de plenitude e de eternidade (suas representações) fazem do ensaio latino-americano um herdeiro do historicismo.

Tal historicismo é produtor de uma teoria da fronteira a partir do espaço americano: estágios que alternam abertura e fechamento, nomadismo e plasticidade do bandeirismo, caráter lacunar de sociedades geradas pela colonização de exploração, aproximação contato e passagem proporcionada pelo entre-lugar, criatividade da transculturação, condição mestiça como saber das simultaneidades e trabalho de construção de si, heterogeneidade assumida como solução para o desafio de revelar mundos com atributos de uma outra cultura e a partir de tempos, lugares e inserções sociais diversas.

O escritor americano opera na fronteira entre universalismo e localismo. Seja como constante cultural (Ors\Lezama Lima), resultante da dialética natureza exuberante e mundo da vida (Carpentier) ou como função crítica e subversiva (Campos) o neo-barroco é referência para a postura da inteligência americana de afirmação da margem, lugar de enunciação e estilo irreverente antropofagicamente assimilativo e requalificador dos valores do outro. O neo-barroco é o tipo de pensamento do migrante treinado para a diferença mais que tipo da mistura elevado à essência de americano. Ele é ameaçado tanto pela ignorância de suas qualidades quanto pela fixação delas.

Contra o perspectivismo e o objetivismo, a literatura é discurso que registra valores e práticas, mas é também produtora de conceitos e procedimentos para as ciências da cultura. Ela alimenta o lado imaginativo e interpretativo constituinte das disciplinas bifrontes, liminares, ambíguas (no sentido de combinarem o controle lógico-empírico e a interpretação). A literatura possui uma tradição de tratamento do mito (o outro da história) e registro da experiência (no caso do ensaio historicista de fronteira: conflitos e encontros no Extremo-Occidente. Perda e revelação do passado da América, como fronteira entre sujeito e objeto: o lugar privilegiado do conhecimento das coisas humanas). Os ensaístas viram a dependência entre história e mito. A centralidade do conceito de experiência americana é o índice dessa tese central do pensamento americano. O procedimento literário presente no ensaio do século xx registra fases e tendências dessa reflexão.

Abrangência do campo de estudos e lugar de enunciação: história das idéias (estudo do pensamento sistemático, geralmente em tratados filosóficos), história intelectual (o estudo do pensamento informal, os climas de opinião e os movimentos literários), história social das idéias (estudo das ideologias e da difusão das idéias), história cultural (estudo da cultura no sentido antropológico incluindo concepções de mundo e mentalidades coletivas). O que faço está na fronteira desses campos. Quero reconstruir a especificidade de uma época (1920-1970), o projeto do pensamento americano, vanguarda e busca identitária. É a história de um momento da consciência histórica americana. Depois do Iluminismo e liberalismo da Independência, depois do Romantismo da construção dos Estados nacionais, depois da reforma positivista e da contra-reforma idealista, o programa regional-universalista da vanguarda. No ensaio

nega-se a idéia de percurso nacional consolidado. Na narrativa do passado americano no ensaio de vanguarda a identidade é puro adiamento. Sem totalidade constituída o que temos é a ambivalência de projetos utópicos e proféticos por um lado e pura violência por outro. Como no cinema de Glauber segundo Ismail Xavier, o ensaio americano do século xx é exemplo do dilaceramento da alegoria moderna.

Em Borges temos a história dos símbolos e seus usos. Desconstrução cultural e uso produtivo do imaginário como registro de modelos de concessão de sentido ao mundo, da imaginação como atividade analítica e registro de transcodificações. São exercícios de melhoramento do passado. Novas relações com ele podem ser estabelecidas em momentos posteriores a ele. Essa é uma das características das sentenças narrativas, a dupla temporalidade constitutiva das frases produzidas sobre o passado. Danto e Rüsen sabem como isso funciona.

No ensaio encontramos teorias sobre a relação entre história e ficção a partir dos estudos sobre os relatos dos descobrimentos. Eles provocaram uma crise historiográfica. A América é representada como começo ou fim. A primeira narrativa da América tenta explicar em termos medievais o novo mundo: literatura de cavalaria modela a relação com a gente e o meio. As crônicas influenciam a produção da consciência americana como crise. A ficção do século XIX funcionou primeiramente como análise da realidade americana. Mais tarde o modernismo usou-a como referência de crítica dessa mesma realidade. No primeiro momento um distanciamento do mito, no segundo, reaproximação. O que une todos esses momentos e modelos é a comunidade (interdiscurso e dialogismo) daqueles que se consideravam aptos para produzir enunciados sobre a especificidade americana com função consoladora: conquista, desterro, subordinação colonial e escravidão geraram música, literatura, escultura como remédios contra a dor e o caos. Com receitas de hibridização, transculturação e heterogeneidade produziram esforços de comunicação intercultural que não deixaram de lado o registro do caráter conflitivo e contraditório da experiência americana.

O ensaio americano do século vinte possuía a vantagem do atraso. Substituiu as ciências humanas com brilho, inovação e sucesso internacional. Comparou culturas enfrentando a ameaça etnocêntrica. No ensaio a expressão estética se casou com o esforço teórico. Explicação conceitual e reflexão sobre estratégias andaram juntas da crítica das zonas de pureza e da valorização das trocas e relações, condição das culturas humanas. Ímpetus de renovação da linguagem conviveram com desejos de participação nos mundos impuros. Os ensaístas exercitaram a busca rebelde, poética da plenitude do ser, projetaram seus desejos utópicos, se auto elegeram porta-vozes mas perceberam interstícios exatamente por onde faziam penetrar esse sonho de integração.

O ensaio alia o rigor e a seriedade da crítica à liberdade inventiva da criação. É gênero perigoso. Em primeiro lugar a função simpático-mitificante da



narrativa de fluidez conceitual. Em segundo lugar, a retórica professoral: iluminação mais que Iluminismo. É como teórico da história que me ponho a questão da produção ou da relação com o passado na literatura. Como não eliminar a pesquisa da verdade e incorporar à teoria da história padrões de relação com o passado desenvolvidos pela ficção. Um exemplo: reconstrução e tipificação sintética, identificação intuitiva, não estar de todo em qualquer das estruturas: ver o que ainda não sabemos ver, um coração alheio ao nosso, o verdadeiro fantástico. Nessa fórmula que resume as técnicas de escrita de Cortázar há indicações para uma teoria da história.

A força do ensaio é a sua diversidade. Temos teoria da fronteira em todas as suas versões: extremo-Occidente (Fuentes), o fantástico como o lugar do outro e como fronteira da mente, realidade e irrealidade, história e mito sobrepostos (Cortázar, Asturias, García Márquez), o barroco, a arte da contra-conquista (Lezama Lima, Sarduy, Carpentier, Campos), função de síntese como ponto de partida: improviso mestiço e audácia universalista de quem salta etapas e duvida de modelos fixos de temporalidade (Reyes, Borges), o lugar da matéria indecisa e das metáforas espaciais do tempo (Borges), o sertão, outro interior (Rosa), experiência de formação como perda e reconquista (Holanda), o entre-lugar (Santiago e o pós-colonial), o lugar da solidão e da busca do outro (Paz), heterogeneidade (Polar), transculturalidade (Ortiz, Rama), miscigenação (Freyre), o lugar das tentativas e das escolhas: a América como problema (o novo mundo) que desafia mentes de homens-ensaio a produzirem interpretações sobre a incerteza e a contradição (Arciniegas). O lugar a partir do qual projetos de integração são formulados. Soluções de convivência marcadas por uma historicidade que assume e enfrenta a fragmentação. A experiência das simultaneidades permitindo enxergá-las. Valorização do instante como multiplicidade presente. Totalidades pleiteadas, sonhos de realidades inteiras: utopias (Julio Ortega).

Em Borges, a teoria da fronteira é o resultado de uma investigação sobre as matérias indecisas. Os homens são sonhos de outros homens. Trata-se de sonhar um homem e o impor à realidade sabendo-se que aquele que sonha já foi o sonho (ou pesadelo) de outro sonhador. Os homens são restos de restos. Nenhuma decisão é final: todas se ramificam. Reina o princípio da incerteza. O problema com os gregos é que eles não conheciam a incerteza (Las ruinas circulares). Historiadores também tem problemas com ela. Por isso seus relatos estão carregados de ficção, não podem narrar a monotonia; ela é misteriosa. Livros são mentiras indiretas: estão cheios de omissões e interpolações, são incorreções publicadas. Variam, como tudo. Jogo e loteria estão nas minúsculas coisas. Nelas estão escondidas esplendores e atrocidades. Não se pode corrigir o acaso mas para salvar a esperança é necessário buscar suas leis labirínticas, dedicar-se à investigação das esferas giratórias que o revelam (La lotería en Babilonia). Essa pesquisa produz escrita.

Os historiadores tem um problema com o tempo: esquecem que ele não é história. Regressividade é apenas uma das formas do tempo. Seria produtivo imaginá-lo como inversão; recordar o futuro e ignorar ou prescindir do passado. Ou então assumir completamente o presente: abrir-se ao rigor e à solidão. Saber que no presente se esconde o que fomos e o que seremos (Sobre Oscar Wilde\Otras inquisiciones). Ou então assumir a continuidade, o tempo absoluto e uniforme, labirinto infatigável, caos e sonho (Nueva refutación del tiempo\Otras inquisiciones) História não pode ser sucessão de fatos mas sim o campo para a busca de argumentos (Examen de la obra de Herbert Quain\Ficciones). Só há história como saber da solidariedade do gênero humano. É melhor falar das excelências alheias que das próprias: estranhamento contra o olhar habitado, datas escondidas versus feriados nacionais. A história do mundo deve ser entendida como livro no qual um ponto tem a mesma importância de um capítulo, são criações, artificialidades (Del culto de los libros\Otras inquisiciones). História é o reino das singularidades: não importa a identidade ou a pluralidade. Isso fica claro na história da literatura; um escritor cria seus precursores (Kafka e seus precursores\Otras inquisiciones). Fato importante não é o dia em que algo foi dito mas sim o momento do registro dessa expressão. Ela registra um gosto, uma forma de intuir a realidade, uma fabulação. Fazer a história das relações e das traduções ao invés da simulação localista e objetiva (El pudor de la historia\Otras inquisiciones). História é o saber das complexidades e variações do mal e do infortúnio (Tres versiones de Judas). Os homens matam as coisas que amam (Sobre Oscar Wilde\Otras inquisiciones). O problema do positivista é que ele não pensa, não generaliza: escravo do detalhe, não se distrai do mundo; ele tem de colar-se nele, como Funes o homem-memória. O método da imaginação, a produção da eternidade pela via da memória explora o saber da diferença entre pretensão e realidade, é medida anti-dogmática. Condição da arte é a irrealidade (El milagro secreto). A luta emocionante contra o esquecimento (o contato com o distante) é tão importante que não pode se limitar ao relato da sucessão dos fatos. O sentimento está mais próximo dos odores e dos gostos porque esses são os sentidos que estão rodeados de abismos de esquecimento. Feita com paixão a história é maravilhosa. É o campo onde idéias ganharam forma. O procedimento de Borges é formista (Sobre Chesterton\Otras inquisiciones). Um tipo barroco: platonismo e alegoria, empresa nominalista que abre (ao invés de representar) o real.

## V

A idéia de fronteira como contato (o próprio ensaio é o resultado de exercícios nesse entre-lugar) dos ensaístas produziu um conceito expandido de experiência

histórica. A rejeição dos dogmas do engajamento partidário e dos realismos de representação aliada ao projeto de pesquisa formal e enriquecimento da noção de realidade propiciou a superação de um falso dilema entre contextualização e sublimação da leitura do passado. A abertura para os mitos, o trato de mestres em narrativa com o passado, uma nova noção de compromisso produziram uma filosofia da história americana que torna fértil a aproximação da história com a literatura, amplia a consciência histórica a partir das margens do Ocidente e que multiplica os recursos da teoria da história. O ensaio registra uma modalidade (um tipo) de experiência histórica: a partir de um contexto (o extremo-Ocidente), da invenção de um método (diálogo com o mito) e exercitado por sujeitos especiais (literatos com radical interesse em identificação e atualização) os ensaístas formularam o que hoje se chama (Ankersmit) experiência histórica sublime. A partir de exercícios experimentais com a linguagem, ampliaram os conceitos de experiência e de consciência históricas: "...a outridade é antes de mais nada a percepção de que somos outros sem deixar de ser o que somos e que, sem deixar de estar onde estamos, nosso verdadeiro ser está em outra parte." (Signos em Rotação: 107) Experiência feita do tecido dos atos diários (religião, poesia, amor e outras experiências afins). Nas fases e vertentes do historicismo americano (registrado no ensaio do século XX) encontramos um conceito de experiência adequado ao programa da comunicação intercultural.

Esta é uma versão vanguardista da hermenêutica sustentada pela hipótese da coincidência entre memória e experiência autêntica. Os ensaístas exploraram tal região de contato e conflito: ao reconstruir o passado com a ajuda do mito, ao assumir os riscos da alteração da experiência pela linguagem e principalmente ao construir um programa de tomada de consciência. A época do ensaio americano é o conjunto desses experimentos. É uma idade de formulações tardo-idealistas. Uma forma específica de experimentar o mundo, lhe dar um nome e assim, conhecê-lo. Essa forma tem atualidade, pois desenvolveu conceitos e técnicas de comunicação intercultural. Filosofias da história americana são subprodutos desse programa. O sucesso da literatura latino-americana é a sua mais visível expressão. A tensão entre mito e história no ensaio latino-americano é o antídoto contra os dualismos e as totalizações. Procuo as idéias de história que esse empreendimento produziu no ensaio de criação literária, a sua forma ilustre: ao mesmo tempo invenção, teoria e poema.

Toda comparação precisa de um parâmetro organizador que delimite que domínio observar e em qual perspectiva os aspectos individuais observados serão comparados. Um ponto de vista que permita localizar o que é comum e o que é diferente no campo da historiografia e do pensamento histórico, um tratamento delicado do domínio das identidades culturais e das lutas por poder e domínio nele encaminhadas. A sensibilidade para identificar estratégias de dominação e resistência é o que está em jogo. Mas há também a questão teóri-

ca dos condicionamentos impostos pela cultura de quem encaminha a comparação. Aquele que encaminha a comparação de pensamentos históricos e escritas da história já parte de suas próprias representações do que sejam tais coisas. Instala-se um meta-status, um modelo a partir do qual os fenômenos culturais são tratados, uma norma que mede proximidades e distâncias. Elementos ficcionais ou poéticos devem ser entendidos como constitutivos do tratamento do passado ou como seus inimigos? Qual a importância da escrita?

Trata-se de uma modalidade latino-americana de política identitária. Forma de expressão literária e crítica testemunhal: auto-definição e auto-problematização que produziu conceitos (transculturização, formação, hibridismo, heterogeneidade, etc.) que dão voz a sujeitos de enunciação até então subalternizados e alteram – pela via da valorização da multicentralidade da criação artística, política e científica – os programas de investigação e ação do pensamento americano. O cuidado com tendências relativistas, reducionismos sociológicos, estetizantes ou formalistas deve ser a marca de uma postura historicista radical, que resgate e mantenha o programa reflexivo (historização dos sujeitos de conhecimento), compreensivo (ainda a busca dos sentidos das ações), comparativista (postura relacional) e conceitual (interpretação como ação científica) do projeto das ciências humanas.

## Bibliografia

- ABELLÁN, José (1987): “La guerra civil como categoría cultural”, em: *Cuadernos Hispanoamericanos*. 56, XXIX. Madrid, pp. 43-56.
- AL-AZM, Sadik (2005): *Islam und säkularer Humanismus*. Tübingen: JCB Mohr.
- ANDERSON, Benedict (1987): *Imagined Communities*. London: Verso.
- APIAH, Anthony (2006): *Cosmopolitanism: Ethics in a World of Strangers*. New York: Norton.
- ARCINIEGAS, German (1993): *América Ladina*. México: FCE.
- BARILI, Amélia (1999): *Jorge Luis Borges y Alfonso Reyes: La cuestión de la identidad del escritor latinoamericano*. México: FCE.
- BARTH, Frederik (1970): *Ethnic Groups and Boundaries*. Oslo: Forlaget.
- BERVEILLER, Michel (1973): *Le Cosmopolitisme de Jorge Luis Borges*. Paris: Didier.
- BEVIR, Mark (1999): *The Logic of the History of Ideas*. Cambridge: Cambridge University Press.
- BLUMENBERG, Hans (1997): *Shipwreck with Spectator. Paradigm of a Metaphor for Existence*. Cambridge: MIT.
- BORDA, Juan (1990): *Una Visión de América: La obra de German Arciniegas*. Bogotá: ICC.
- BORGES, Jorge Luis (2005): *Otras inquisiciones*. Madrid: Alianza.
- (2004): *Historia de la eternidad*. Madrid: Alianza.

- BOSSART, William (2003): *Borges and Philosophy*. New York: Peter Lang.
- BUDDE, Gunilla/CONRAD, Sebastian/JANZ, Oliver (2006): *Transnationale Geschichte. Themen, Tendenzen und Theorien*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht.
- CHATERJEE, Partha (1993): *The Nation and its Fragments*. Princeton: Princeton University Press.
- CONGRESO DE COOPERACIÓN INTELECTUAL (ed.) (1954): *Idea de Europa, Idea de América*. Madrid: ECH.
- ECHEVARRÍA, Roberto (2004): *Alejo Carpentier: el peregrino en su patria*. Madrid: Gredos.
- (1998): *Mito y archivo. Una teoría de la narrativa latinoamericana*. México: FCE.
- FLORES, Ociel (1996): *Octavio Paz: poétique et philosophie* (Doctorat). Paris: Sorbonne.
- GLISSANT, Edouard (1996): *Caribbean Discourse*. Charlottesville: University Press of Virginia.
- GÓMEZ-MARTÍNEZ, José Luis (1996): *Teoría del ensayo*. México: UNAM.
- GONZALEZ, José (1998): *Borges and the Politics of Form*. New York: Garland.
- GOYTISOLO, Juan (1977): *Disidencias*. Barcelona: Seix Barral.
- HARO, Pedro (2004): *Barroco*. Madrid: Verbum.
- HARRIS, Wilson (1999): *Selected Essays of Wilson Harris*. New York: Routledge.
- HATZFELD, Helmut (1966): *Estudios sobre el Barroco*. Madrid: Gredos.
- HOUVENAGHEL, Eugenia (2003): *Alfonso Reyes y la Historia de América*. México: FCE.
- LÓPEZ-BARALT, Mercedes (2005): *Para decir al Otro: literatura y antropología en nuestra América*. Frankfurt/Madrid: Vervuert/Iberoamericana.
- KUSHIGIAN, Julia (1984): *Three Versions of Orientalism in Contemporary Latin American Literature: Borges, Sarduy and Paz* (Ph.D. Thesis). Yale University.
- MARICHAL, Juan (2002): *El designio de Unamuno*. Madrid: Taurus.
- MEDIN, Tzvi (1994): *Ortega y Gasset en la Cultura Hispanoamericana*. México: FCE.
- MOULIN-CIVIL, Françoise (1994): *Formes et significations du néo-baroque dans le roman cuban contemporain* (Doctorat). Paris: Sorbonne.
- ORTEGA Y GASSET, José (1969): *El Espectador*. Madrid: Salvat.
- OSTERHAMMEL, Jürgen/LOTH, Wilfred (2000): *Internationale Geschichte: Themen – Ergebnisse – Aussichten*. München: Oldenbourg.
- PADRÓN, Francisco (1980): “La Imagen de Hispanoamérica en la España de los siglos XIX y XX”, em: *Estudios Latinoamericanos*, vol. 6, pp. 199-236.
- PARKER, Alexander (1991): *La imaginación y el arte de Calderón*. Madrid: Cátedra.
- PAZ, Octavio (1969): *Conjunciones y disyunciones*. México: Joaquín Mortiz.
- (2002): *Memorias y palabras*. Barcelona: Seix Barral.
- (2004a): *El arco y la lira*. México: FCE.
- (2004b): *El laberinto de la soledad*. Madrid: Cátedra.
- RÜSEN, Jörn (1990): *Zeit und Sinn. Strategien historischen Denkens*. Frankfurt: Fischer Taschenbuch.
- RUBIERA, Fernando (1992): *América y la dignidad del hombre*. Madrid: Mapfre.
- RÜSEN, Jörn (1993): “The development of narrative competence in historical learning: an ontogenetical hypothesis concerning moral consciousness”, em: Rüsen, Jörn: *Studies in Metahistory*. Pretoria: UCC, pp. 63-84

- (1998): *Die Vielfalt der Kulturen*. Frankfurt: Suhrkamp.
- (1999): *Westliches Geschichtsdenken – eine interkulturelle Debatte*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht.
- (2001): *Zerbrechende Zeit. Über den Sinn der Geschichte*. Köln: Böhlau.
- (2002a): *Geschichte im Kulturprozess*. Köln: Böhlau.
- (2002b): *Kann gestern besser werden?* Berlin: Kadmos.
- (2004): “How to Overcome Ethnocentrism: Approaches to a Culture of Recognition by History in the 21st Century”, em: *Taiwan Journal of East Asian Studies*, 1/1, pp. 59-74.
- (2006a): *Kultur macht Sinn*. Köln: Böhlau.
- (2006b): “Der Funke der Utopie im Feuer der Geschichte”, em: Hofmann, Michael/Rüsen, Jörn/Springer, Mirjam (eds.): *Schiller und die Geschichte*. München: Wilhelm Fink, pp. 145-163.
- RÜSEN, Jörn/OEXLE, Otto (1996): *Historismus in den Kulturwissenschaften*. Köln: Böhlau.
- SAID, Edward (2006): *Humanismo y crítica democrática*. Barcelona: Debate.
- SCHWARTZ, Jorge (2006): *Las vanguardias latinoamericanas*. México: FCE.
- SKIRIUS, John (2004): *El ensayo hispanoamericano del siglo XX*. México: FCE.
- STEINMANN, Horst/SCHERER, Andreas (2001): *Zwischen Universalismus und Relativismus*. Frankfurt: Suhrkamp.
- SRUBAR, Ilja/RENN, Joachim/WENZEL, Ulrich (2005): *Kulturen vergleichen*. Wiesbaden: VS Verlag.
- UNAMUNO, Miguel de (2000): *En torno al casticismo*. Madrid: Alianza.
- (2002): *Niebla*. Madrid: Alianza.
- WEBB, Barbara (1992): *Myth and History in Caribbean Fiction*. Amherst: University of Massachusetts Press.
- YOUNG, Robert (2002): *Postcolonialism, an Historical Introduction*. Oxford: Blackwell.
- ZEA, Leopoldo (1991): *El descubrimiento de América y su impacto en la historia*. México: FCE.
- ZEPP, Susanne (2003): *Jorge Luis Borges und die Skepsis*. Stuttgart: Franz Steiner.